



CARTILHA SOBRE

# GRUPOS REFLEXIVOS

COM ADOLESCENTES AUTORES

**DE ABUSO SEXUAL**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cartilha sobre grupos reflexivos com adolescentes  
autores de abuso sexual [livro eletrônico] /  
organização Antonio Renato Gonçalves Pedrosa.  
-- Fortaleza, CE : TDH Brasil, 2026.  
PDF

Bibliografia.  
ISBN 978-85-66899-21-4

1. Abuso sexual contra crianças e adolescentes
2. Crianças e adolescentes - Proteção 3. Reflexões
4. Violência sexual I. Pedrosa, Antonio Renato  
Gonçalves.

26-374960.0

CDD-362.76

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Crianças e adolescentes : Prevenção à violência  
sexual : Problemas sociais 362.76

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -  
SP-010133/O



**CARTILHA SOBRE**  
**GRUPOS**  
**REFLEXIVOS**  
COM ADOLESCENTES AUTORES  
**DE ABUSO SEXUAL**



# FICHA TÉCNICA

## **Diretoria do Instituto Terre des Hommes Brasil**

### **Presidente**

Antonio Renato Gonçalves  
Pedrosa

### **Vice-Presidente**

Osmar Alves Flor

### **Diretora Financeira**

Honorata Ferreira Mendes  
da Silva

### **1º Conselheiro Fiscal**

Claudett de Jesus Ribeiro

### **2º Conselheiro Fiscal**

Leila Joyce Mendes Silvério

### **3º Conselheiro Fiscal**

Marcos Bentes Luna de  
Carvalho

### **Organizadores**

Antônio Renato Gonçalves  
Pedrosa  
Pedro Alisson Santos de  
Sousa  
Josiberto Oliveira de Sousa  
Tamara Cristina Cruz Santos  
Almeida

### **Colaboração**

Raimundo Ferreira Pereira  
Filho

### **Revisão técnica**

Raimundo Ferreira Pereira  
Filho

### **Revisão textual**

Natasha Yohanna Oliveira  
Mendes Ribeiro

### **Arte e diagramação**

Mandala Comunicação &  
Design

### **Direção de arte**

Sâmila Braga

### **Criação de projeto gráfico e diagramação**

Thalia Silva

### **Apoio**

KNH

### **Tiragem**

1000 exemplares

# SUMÁRIO

## 08 **INTRODUÇÃO**

## 10 **ADOLESCENTES SUJEITOS DE DIREITOS**

## 12 **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## 18 **O QUE NÃO É GRUPO REFLEXIVO?**

19 1. Tratamento/terapia

19 2. Aula/curso

20 3. Reeducação

21 4. Círculo de Justiça Restaurativa

## 22 **METODOLOGIA E ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO**

## 27 **INSTRUMENTAIS**

27 1. Entrevista inicial

28 2. Ficha de planejamento

29 3. Contrato de convivência

29 4. Relatório

## 30 **COMPARTILHANDO SABERES**

## 32 **REFERÊNCIAS**

## 34 **ANEXOS**



# APRESENTAÇÃO



Instituto Terre des Hommes Brasil (TdH Brasil) é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, com mais de quatro décadas de atuação no país, dedicada ao desenvolvimento de metodologias e estratégias voltadas à promoção, garantia e defesa dos direitos de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilização.

Sua atuação insere-se no campo da proteção integral, da justiça juvenil e da prevenção das violências, articulando práticas que dialogam com o Sistema de Garantia de Direitos e com as políticas públicas voltadas à infância e à juventude. TdH Brasil é orientado por referenciais teórico-metodológicos críticos, e compreende as violências como fenômenos complexos, produzidos e reproduzidos em contextos históricos, sociais e culturais, o que demanda intervenções que ultrapassem perspectivas punitivistas e normativas. Nesse sentido, investe na construção e sistematização de metodologias participativas e reflexivas, que articulam responsabilização, produção de sentidos e transformação das relações sociais, como é o caso dos grupos reflexivos.

A presente cartilha insere-se nesse movimento de sistematização de práticas, tendo como objetivo compartilhar referenciais, experiências e possibilidades de intervenção junto a adolescentes que foram autores de violência, contribuindo para o fortalecimento de estratégias éticas, críticas e comprometidas com a não reprodução de estigmas e com a interrupção dos ciclos de violência. O material produzido foi cuidadosamente construído após formação teórica, qualificação da equipe e vivências, buscando incorporar a abordagem dos grupos reflexivos, já amplamente aplicada a homens adultos, mas adaptada para adolescentes.



TdH compreende que a prevenção, a proteção, o enfrentamento e a interrupção do ciclo da violência sexual exigem atenção também aos adolescentes autores dessas práticas. Essa compreensão está alinhada a abordagens que destacam a importância de atuar não apenas com as vítimas, mas também com os autores, visando romper a reprodução da violência ao longo das trajetórias de vida.

Nesse contexto, esta publicação surge e vem sendo construída no âmbito do Projeto “Elos de Proteção”, iniciado em Fortaleza, no ano de 2022. O projeto desenvolve ações voltadas ao atendimento psicológico, à construção de projetos de vida, à mobilização da rede de proteção e ao cuidado integral de adolescentes autores de violência sexual.

Dessa forma, a presente metodologia se propõe a somar-se a outras estratégias e abordagens já existentes, contribuindo para o rompimento do ciclo da violência contra crianças e adolescentes e para a promoção de práticas mais efetivas de cuidado, responsabilização e transformação social.

**Antonio Renato Gonçalves Pedrosa**

Presidente do Instituto Terre des Hommes

# INTRODUÇÃO

O Instituto Terre des Hommes Brasil (TdH Brasil) é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que possui 40 anos de experiência no território brasileiro, atuando no desenvolvimento de metodologias e capacidades para a garantia dos direitos de crianças, adolescentes e jovens, de forma duradoura e sustentável. Dentre os diversos projetos desenvolvidos ao longo desses anos, destaca-se o Projeto “Elos de Proteção”, uma parceria entre TdH Brasil e Kindernothilfe. Implementado na cidade de Fortaleza, Ceará, tem como principal objetivo desenvolver ações para a prevenção, o enfrentamento e a interrupção do ciclo de abuso sexual contra crianças e adolescentes, por meio da difusão de informações, incidência política, entre outras estratégias.

Na busca por diferentes metodologias para atender às crianças, aos adolescentes e jovens, o TdH Brasil tem desbravado o campo da Metodologia de Grupos Reflexivos. Muito utilizada em casos de violência doméstica e familiar contra a mulher, a metodologia é realizada há mais de 30 anos no Brasil, com foco especial para os estados do Maranhão, Santa Catarina e Paraná. Os grupos reflexivos fazem parte do processo de responsabilização de homens autores de violência, partindo dos referenciais teóricos do Construcionismo Social; dos estudos de gênero e teorias feministas; da Visão Sistêmica, ecológica e complexa; e da Educação Popular (Beiras; Bronz, 2016).

Entendendo as especificidades do “adolescer”, principalmente de pessoas em situação de violências e contextos de vulnerabilizações, o diálogo com a metodologia busca trabalhar com os **adolescentes que foram autores de violências**, em especial o abuso sexual. O cuidado com a nomenclatura “que foram” é necessário para romper com os estigmas violentos postos sobre quem comete ato infracional. Quando os definimos apenas como “adolescentes autores”, “abusadores” ou “estupradores”, a ação é presentificada e definitiva, ele passa a ser definido pela

violência que cometeu, **essencializando** o sujeito ao ato. TdH Brasil compreende a necessidade de ir em contrafluxo a essa lógica, reconhecendo que o abuso cometido pelo adolescente pertence ao passado, não ao presente. Ele não deve ser reduzido à condição de perpetuador de ato infracional, pois há muito mais a ser considerado e desenvolvido em sua trajetória como pessoa em situação peculiar de desenvolvimento.

1. ESSENCIALIZAR, SEGUNDO O DICIONÁRIO, SIGNIFICA REDUZIR ALGO À SUA ESSÊNCIA, TORNANDO-O BÁSICO, FUNDAMENTAL OU CENTRAL.

**É IMPORTANTE DESTACAR QUE NÃO SE ESTÁ EXIMINDO O SUJEITO DA RESPONSABILIDADE, MAS REPOSICIONANDO A ESSENCIALIZAÇÃO PARA A RESPONSABILIZAÇÃO E ABRINDO POSSIBILIDADES DE MUDANÇA DE CONDUTAS, DISCURSOS, CRENÇAS E VALORES, BEM COMO DA CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES E DOS PAPÉIS DE GÊNERO FUNDAMENTAIS NESTA FASE DE DESENVOLVIMENTO.**

Ou seja, para mudança subjetiva (mobilização de recursos internos, foco na análise da própria conduta, ressignificações sobre si mesmo, a relação com o outro e com o mundo, produção de novas formas de masculinidades comprometidas com a equidade e o respeito às relações de gênero) e social (profundo trabalho de desnaturalização da violência, protagonismo como agente ativo de transformação das estruturas machistas, patriarcais, sexistas e racistas). Assim, nos dedicamos a esta cartilha pensando nas possibilidades de intervenção especialmente com esse público, mas podendo ser adaptada para outros.



# ADOLESCENTES SUJEITOS DE DIREITOS

**N**esse tocante, é importante resgatar a historicidade do desenvolvimento do conceito de infância no Brasil. No decorrer do processo de formação sócio-histórica nacional, muitos foram os fatos que demonstram a dificuldade de reconhecimento de humanidade nas crianças, principalmente crianças negras. É importante trazer o legado deixado por um país que tinha como exemplo de política para sua infância a Roda dos Expostos (mecanismo de “acolhimento” de crianças abandonadas). Até recentemente estava em vigência o Código dos Menores (1927 a 1990), aparato legislativo que coisificava a criança e o adolescente em conflito com a lei, reservando-lhe tratamento penal violento e desumanizante. Apenas na década de 1990 o Brasil consolidou uma política ao tratar da questão da infância e da juventude baseada nos princípios dos Direitos Humanos, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Ainda que exista um estatuto que rege a proteção à vida de crianças e adolescentes, percebe-se, na prática, que há múltiplas formas de vivenciar essa fase fundamental de construção do conceito de mundo. Busca-se, assim, refletir sobre o que é infância, quem experimenta a vivência infantil e quem pode, de fato, ser reconhecido como criança e adolescente.

**MESMO COM OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS SOCIAIS, TAMBÉM SE CONSOLIDAM AS DESIGUALDADES QUE ATRAVESSAM A VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. FAZ-SE NECESSÁRIO CONSIDERAR QUE AS VIOLÊNCIAS PRODUZIDAS E REPRODUZIDAS PELO ESTADO ATINGEM DIMENSÕES DE CLASSE, RAÇA, GÊNERO, SEXUALIDADE E TERRITÓRIO, DIFICULTANDO O ACESSO À SAÚDE, À PROTEÇÃO, À EDUCAÇÃO E, SOBRETUDO, À JUSTIÇA.**

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que pessoas de 12 a 17 anos incompletos são consideradas adolescentes no Estado brasileiro, tendo garantidos seus direitos fundamentais inerentes à pessoa humana [...] (art. 3º). Prevê, ainda, a prioridade absoluta como resposta a qualquer violação de direitos ou necessidade apresentada por esse público. O Estatuto também dispõe sobre a execução de medidas socioeducativas nos casos de adolescentes que cometem atos infracionais que causem danos a terceiros.

Assim, é perceptível o surgimento de metodologias voltadas ao trabalho com adultos que cometeram algum tipo de violação, especialmente no âmbito da violência doméstica. Os grupos reflexivos, como uma metodologia possível para a construção de novas perspectivas no contexto das masculinidades e das violências, vêm apresentando, na prática, reflexões sobre a construção de gênero e sobre o que é ser homem na sociedade. Diante disso, a prática reflexiva com adolescentes mostra-se pertinente para trabalhar contextos que ocasionaram danos, sejam eles reparáveis ou não.

# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os “Grupos Reflexivos” são uma metodologia que, ao passar dos anos, tem resultado em muitas ações voltadas para pessoas que foram autoras de violência que causaram danos irreparáveis. No art. 35, inciso V, da Lei nº 11.340/06 (Lei Federal Maria da Penha), direciona-se esse cuidado aos homens que foram autores de violência, não se tratando diretamente da metodologia dos Grupos Reflexivos, mas propondo uma reabilitação para “agressores”.

**A PALAVRA “AGRESSOR” FINCA UMA IDEIA DE QUE O INDIVÍDUO É SOMENTE “AGRESSOR”, COMO SE HOUVESSE UMA INCORPORAÇÃO DA PALAVRA, QUE NÃO POSSIBILITA QUE ESTE INDIVÍDUO SEJA UM SUJEITO DESLOCADO DO ATO REALIZADO/DENUNCIADO. ESTA ESCRITA NÃO TEM O PROPÓSITO DE DESRESPONSABILIZAR AS ATITUDES DE PESSOAS QUE FORAM AUTORES DE ALGUMA ESPÉCIE DE VIOLÊNCIA, PELO CONTRÁRIO, A RESPONSABILIZAÇÃO É IMPORTANTÍSSIMA NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO QUE SE DESEJA PARA O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE.**

Os processos da violência existem dentro de algo muito maior que atravessa a pessoa que foi autora. De modo geral, as violências de gênero se alicerçam nas estruturas do patriarcado, do machismo, da misoginia, etc. Já as violências contra crianças e adolescentes ainda se alimentam do paradigma da criança como objeto de tutela, sujeito passivo, incapaz, sem voz, dentro de uma estrutura adultocêntrica. Quando alguém vive e aprende a se expressar a partir desses contextos de violência, atingir o outro torna-se prática.

A execução da metodologia de “Grupos Reflexivos” no Brasil tem sido uma ferramenta e um direcionamento no que se refere a ações possíveis a serem propostas para adolescentes que foram autores de atos infracionais. Um exemplo é um projeto executado pelo Instituto

Terre des Hommes, intitulado “Elos de Proteção”, cujo objetivo é trabalhar o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, e um dos eixos é trabalhar com adolescentes autores de violência sexual. Assim, o Instituto toma como referência as experiências dos Grupos Reflexivos com homens adultos, e passa a executar ações com adolescentes que foram autores de atos infracionais.

Assim, a reflexão proposta nos Grupos Reflexivos tem como ponto central refletir sobre aspectos do cotidiano e das vivências, incluindo representações, ideias, valores, crenças e sentimentos. A reflexão acerca de comportamentos e discursos contribui para a ampliação de possibilidades e para transformações no campo das ideias, podendo resultar em comportamentos ou atitudes distintos daqueles executados no passado. Na metodologia aplicada às reflexões, há potencialidades no que se refere à construção de novos sentidos e significados do sujeito diante de si mesmo, das relações e do mundo.

**Grupos Reflexivos tem como ponto central refletir sobre aspectos do cotidiano e das vivências, incluindo representações, ideias, valores, crenças e sentimentos.**

De acordo com Beiras e Bronz (2016), os Grupos Reflexivos são espaços de convívio, problematização e questionamento, nos quais se deve respeitar a diversidade, exercitar o diálogo e promover debates críticos sobre o cotidiano dos participantes. Como parte do processo de reabilitação de homens autores de violência, e em articulação com o trabalho voltado a adolescentes autores de atos infracionais, a responsabilização constitui elemento fundamental. No entanto, os Grupos Reflexivos têm como objetivo trabalhar, de forma dialógica e reflexiva, os atos, crenças e ideias, aprofundando a compreensão desses elementos e possibilitando mudanças nos comportamentos que produziram a violência.



**O GRUPO REFLEXIVO  
CONSTITUI-SE  
COMO UM ESPAÇO  
QUE INTEGRÁ  
SENTIMENTOS,  
SUBJETIVIDADES E  
RELAÇÕES EM UM  
SISTEMA GRUPAL  
DE CONVIVÊNCIA  
E REFLEXÃO.  
CARACTERIZA-SE  
COMO UM CONTEXTO  
VOLTADO À REFLEXÃO  
SOBRE TEMAS DO  
COTIDIANO DOS  
HOMENS QUE,  
EM GERAL, NÃO  
SÃO ABORDADOS,  
CONFIGURANDO-SE  
COMO UM MODELO  
SISTÊMICO PARA  
A PREVENÇÃO  
E INTERRUÇÃO  
DA VIOLÊNCIA  
INTRAFAMILIAR DE  
GÊNERO (ACOSTA;  
ANDRADE FILHO;  
BRONZ, 2004).**

Os trabalhos desenvolvidos com participantes em Grupos Reflexivos também consideram o processo de não reincidência, isto é, se os comportamentos violentos voltam a ocorrer ou se são substituídos por outras formas de ação. Entende-se por reincidência a repetição de atitudes ou comportamentos relacionados ao ato e/ou à violência anteriormente cometida. Para a elaboração de uma análise sobre a não reincidência em projetos que utilizam essa metodologia, é fundamental estabelecer um período de acompanhamento e monitoramento dos participantes.

Apesar de existirem publicações sobre o trabalho com grupos reflexivos desde a década de 1970 – tendo como principais articuladores os movimentos de mulheres e os movimentos feministas –, a literatura aponta que um dos principais desafios ainda reside na facilitação dos grupos.

Os facilitadores são responsáveis por promover conversações e atividades durante os encontros reflexivos, buscando ampliar os recursos e as habilidades do grupo e dos sujeitos, sempre a partir de uma postura reflexiva. São denominados facilitadores reflexivos porque suas intervenções não se baseiam em interpretações, mas em perguntas,

respostas e ações relacionadas às narrativas, histórias de vida, comportamentos, atitudes, sentimentos, fantasias e pensamentos que emergem ao longo do processo grupal e da vida cotidiana.

Os participantes, ao longo do processo grupal, também compartilham suas experiências pessoais e posicionamentos diante de determinados temas, discutindo seus próprios valores, crenças e ideários, o que contribui para o rompimento com a chamada neutralidade técnica (Acosta; Andrade Filho; Bronz, 2004).

Conforme o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT, 2021), no Manual de Orientações Teóricas e Práticas o/a facilitador/a do grupo deve propiciar um clima de segurança que permita a livre expressão de seus integrantes, além de diminuir as defesas para que possam se manifestar com menos rigidez, viabilizando, assim, falas mais espontâneas.

Assim, um aspecto fundamental do papel do facilitador na relação com o grupo é a concepção de encontro. Na teoria da socionomia, uma relação realmente transformadora entre o facilitador e os sujeitos do grupo constrói-se por meio de uma vinculação plena entre ambos (TJDFT, 2021). Esse contexto é denominado encontro. Nesse sentido, destaca-se que é imprescindível ao(à) facilitador(a) de grupos reflexivos de homens adotar uma perspectiva de gênero no enfrentamento da violência contra as mulheres. As intervenções realizadas devem estar orientadas à desconstrução de padrões relacionais que legitimam a desigualdade entre homens e mulheres e, ao mesmo tempo, naturalizam e banalizam expressões de violência em nossa cultura (TJDFT, 2021).

Destaca ainda o Manual de orientação do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (2021) que o(a) facilitador(a) deve ser agente propiciador(a) da comunicação e da expressão de demanda de todos, desempenhando esse papel apoiado em seus conhecimentos, com continência ao que emergir no contexto grupal. Deve fazer a leitura do que ocorre no grupo, estimulando o aparecimento de temas, cenas, situações e relacionamentos conflitivos que, ao serem enfrentados, levam ao crescimento, à potencialização de cada um e do grupo.

Quanto à facilitação por gênero, ainda que não haja recomendação unânime na literatura sobre a melhor orientação neste sentido (ou seja, se os grupos devem ser orientados apenas por homens, por homens e mulheres ou apenas por mulheres), cabem alguns indicativos e problematizações. O Manual de Gestão de Alternativas Penais (Brasil, 2020, p. 181 e 189) indica que o grupo de iniciação





deve ser conduzido por, ao menos, duas pessoas da equipe, preferencialmente um homem e uma mulher. A recomendação de facilitação mista se mantém “para que se possa também ressignificar as representações sobre gênero a partir da condução dos facilitadores”.

No caso de grupos destinados a mulheres vítimas, a recomendação é de facilitação exclusivamente por mulheres, pois, “devido à vulnerabilidade de algumas mulheres em função das violências sofridas, algumas não se sentem confortáveis com a condução por homens”.

De acordo com o Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão, no documento Grupos Reflexivos para Homens Autores de Violência contra a Mulher (2021), as intervenções do grupo são direcionadas à desconstrução de estereótipos de gênero, à transformação da masculinidade hegemônica e à construção de novas masculinidades. Tais ações são desenvolvidas por meio de uma abordagem que estimula a postura reflexiva, promovendo questionamentos acerca de comportamentos e discursos que legitimam as desigualdades de gênero e naturalizam a violência.

Ainda segundo o mesmo documento (2021), o trabalho com grupos reflexivos de gênero pode ser realizado por diversas instituições, públicas ou privadas, de forma exclusiva ou em parceria. Não se trata de uma área exclusiva de saber, podendo ser desenvolvido por profissionais de diferentes formações acadêmicas ou até por duplas com distintos níveis de educação formal, desde que possuam capacitação básica em metodologias de grupo – especialmente em grupos reflexivos –, domínio de leituras fundamentais sobre gênero e violência contra a mulher, bem como identificação e compromisso com esse tipo de trabalho.

Ademais, os grupos reflexivos funcionam de forma não hierarquizada com a conjugação de temas propostos pelos participantes e facilitadores. Sua abordagem busca a reflexão/responsabilização do autor da violência, ultrapassando a lógica de culpa/punição. As perguntas reflexivas são fundamentais, pois permitem que os participantes se coloquem diante de si mesmos e do grupo, repensando suas atitudes e consequências dos seus atos. Trata-se, portanto, de uma intervenção preventiva no nível terciário, na medida em que os danos das violências cometidas (físicos, psicológicos, morais etc.) já ocorreram, mas busca-se prevenir a repetição, a ocorrência de novos

atos violentos nos relacionamentos íntimos e familiares atuais e futuros.

**PARA QUE HAJA UMA ABORDAGEM REFLEXIVA E RESPONSABILIZANTE DE FATO, É NECESSÁRIO IR ALÉM DE UM ENFOQUE VERTICAL, NO QUAL A EQUIPE "SABE" E O HOMEM ATENDIDO "NÃO SABE", SUPONDO QUE COM A TRANSMISSÃO DESSE SABER O HOMEM DEIXARÁ DE AGIR VIOLENTAMENTE. ESTA É A SUPOSIÇÃO QUE ESTÁ SUBJACENTE A MODELOS QUE SE BASEIAM EM PALESTRAS, ABORDAGEM DESACONSELHADA PELA LITERATURA CONTEMPORÂNEA, QUE RECOMENDA METODOLOGIAS ATIVAS E REFLEXIVAS, CAPAZES DE PROMOVER TROCAS E A AUTOIMPLICAÇÃO DOS SUJEITOS. (BEIRAS; WASHINGTON MA, 2021).**

Diz o autor que não se trata apenas de uma diferença semântica, mas de uma decalagem de perspectiva que possui implicações materiais visíveis na definição do papel da facilitação. A ideia de reeducar um agressor para que ele fique bem socializado transparece um processo vertical, no qual um emissor do conhecimento atua sobre um sujeito passivo, que deve receber os conhecimentos que lhe faltam. Por outro lado, a proposta de trabalhar com autores em processos reflexivos voltados à responsabilização tem por objetivo facilitar o caminho do sujeito à autocompreensão e à autocrítica, em um ambiente coletivo. Nesse contexto, o conjunto de habilidades da facilitação não se volta apenas aos conteúdos materiais relacionados às questões que envolvem a relação entre masculinidades e violência, mas, sobretudo, à promoção de trocas e exposições que permitam ao sujeito elaborar aquilo que se encontrava cristalizado como modelo de masculinidade.

Dito de outro modo, é necessário que, nos Grupo de Homens Autores de Violência, os homens possam falar de si e a partir de si. Para que isso aconteça, torna-se fundamental a presença de alguém que facilite esse processo, introduzindo temas, propondo perguntas reflexivas e oferecendo suporte à fala dos participantes, entre outras estratégias.

De acordo com Pereira Filho (2020), na metodologia adotada pela Primeira Vara Especializada de São Luís, a abordagem com grupos é realizada, impreterivelmente, por uma dupla – um homem e uma mulher – que se apresentam de forma não hierarquizada. Tal estratégia é considerada um elemento altamente valorizado na metodologia, uma vez que a atuação de uma dupla mista, em trabalho colaborativo e com liderança compartilhada, contribui para a reflexão acerca dos estereótipos e preconceitos que sustentam as desigualdades e as violências de gênero.



# O QUE NÃO É GRUPO REFLEXIVO?

**A** reflexão faz parte do modo de viver do ser humano há milhares de anos. Ao longo do processo adaptativo, o pensamento e a capacidade reflexiva foram elementos que o diferenciaram enquanto ser racional. Nas psicologias, nas artes, nas guerras e no próprio viver, o indivíduo é constantemente atravessado por processos reflexivos e convocado internamente a refletir.

Entretanto, nem todo pensamento possui caráter reflexivo nos moldes daquele aplicado pela metodologia dos grupos reflexivos responsabilizantes. Ao longo da vida, cada sujeito constrói, a partir de sua história, suas próprias concepções e verdades sobre si, sobre o outro e sobre o mundo com o qual interage, muitas vezes sem o devido desenvolvimento do pensamento crítico acerca das coisas, das relações e da sociedade.



**DE MODO GERAL, O INDIVÍDUO TENDE A SEDIMENTAR ESTRUTURAS SOCIAIS – COMO VALORES, CRENÇAS E NORMAS – SEM QUESTIONAR SUAS ORIGENS OU FUNDAMENTOS, ISTO É, SEM PROBLEMATIZAR POR QUE AS COISAS SÃO COMO SÃO OU POR QUE DEVE SE COMPORTAR, PENSAR, FALAR, SENTAR E AGIR DE DETERMINADA MANEIRA. É COMUM, PORTANTO, CONFUNDIR OS PROCESSOS INTERNOS QUE MOVIMENTAM O PENSAMENTO COM O PROCESSO PRÓPRIO DA METODOLOGIA REFLEXIVA, TENDO EM VISTA A AMPLA GAMA DE METODOLOGIAS ATIVAS UTILIZADAS NAS MAIS DIFERENTES SITUAÇÕES. CONSIDERANDO QUE ESTE TEXTO SE PROPÕE A TRATAR DOS GRUPOS REFLEXIVOS, TORNA-SE NECESSÁRIO COMPREENDER NÃO APENAS O QUE ELES SÃO, MAS TAMBÉM O QUE NÃO SE CONFIGURA COMO GRUPO REFLEXIVO.**

## 1. TRATAMENTO/TERAPIA

Pensar nos indivíduos que usufruem do grupo dessa maneira abre margem para um grande risco de patologizá-los. Pensar dessa forma, em alguma medida, tira a centralidade da responsabilização do sujeito. É importante entender que ele cometeu a violência de forma consciente, autônoma e racional, precisando, portanto, atravessar o processo de responsabilização como tal, pois tinha outras possibilidades de agir de forma não violenta. Embora tenha um potencial terapêutico, a metodologia não se propõe a ser nenhum tipo de terapia grupal, sendo o principal objetivo do grupo promover a reflexão e responsabilização dos indivíduos que cometeram delitos.

Como colocam Beiras et al (2024), mesmo que haja questões de saúde mental, transtorno, vício, histórico de violências sofridas, e essas surjam durante o grupo, não podem justificar a prática da violência. Ainda que estejam relacionadas ao ato, existe uma estrutura social da violência que está para muito além desses aspectos. Nos grupos reflexivos o vínculo precisa existir para que o processo funcione, mas ele não deve ser confundido com o rapport presente na Psicologia.

## 2. AULA/CURSO

Dentro da metodologia, o refletir é ação ativa e coletiva. Existe a perspectiva de construção conjunta de conhecimento, não de alguém que repassa saberes prontos para outras pessoas. Não há a hierarquia do professor, o poder é descentralizado e está nas mãos de todos. Mais do que ouvir um conteúdo, apresentar um ponto de vista, o intuito aqui é de unir forças para destruir concepções e, a partir das pistas que cada um traz, fazer nascer um outro olhar. Na metodologia reflexiva, não se busca ensinar o que fazer, como agir em determinada situação, o que deveria ter sido feito. Mais do que isso, o objetivo é refletir sobre as construções internas que levaram à prática da violência. Não há um plano de ensino ou um cronograma do que irão aprender. Existe uma proposta do que pode ser discutido e, a partir das provocações, refletir, problematizar.

O facilitador não está no grupo para ensinar boas maneiras. É o próprio grupo, de maneira viva e dinâmica, que questiona a ação, o pensamento, o sentimento, a estrutura individual e social a partir dos próprios aprendizados de cada participante. É imperativo que o processo se baseie na horizontalidade.



### 3. REEDUCAÇÃO

Reeducar traz a ideia de que, uma vez que algo ensinado não foi aprendido, é preciso ensinar novamente. Tanto adultos quanto adolescentes responsáveis por algum delito partem de um aprendizado baseado na violência ou de uma ausência completa no ensino sobre como lidar com o outro em sociedade sem o uso da violência. Portanto, os aprendizados que eles já possuem precisam, na verdade, ser questionados, tensionados, provocados pelo grupo que, de forma coletiva, convidará o participante a aprender e (re)aprender aquilo que é construído coletivamente, algo novo, diferente, inédito.



### 4. CÍRCULO DE JUSTIÇA RESTAURATIVA

Um paralelo interessante para reflexão pode ser estabelecido entre a Metodologia Reflexiva e a Justiça Restaurativa. Ambas apontam para um olhar diferente sobre quem cometeu um delito, oferecem processos circulares, possuem a figura do facilitador. Os grupos reflexivos podem até, com algum esforço, serem entendidos como prática restaurativa. Contudo, existe uma diferença crucial de referencial teórico e de metodologia. A maioria dos grupos responsabilizantes dispensam a voluntariedade, valor tão essencial na Justiça Restaurativa, uma vez que os participantes podem ser conduzidos por determinação judicial. Metodologicamente os encontros se estruturam de formas totalmente diferentes. Nos grupos a intervenção não está condicionada ao bastão, o facilitador e os participantes questionam as respostas dadas uns pelos outros. O grupo tem continuidade, com vários encontros em temáticas diferentes.

Ambas as metodologias trabalham através do diálogo, de uma visão que não é punitivista, para uma mudança interna na forma de ver e estar no mundo. Mas é importante perceber suas diferenças e buscar aproveitar suas potências, valorizando os saberes e os propósitos de cada uma.

# METODOLOGIA E ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO



trabalho realizado dentro do objetivo 4 do Projeto Elos de Proteção disponibiliza atendimento psicológico regular para adolescentes que foram autores de abuso sexual, com foco na não reincidência. É a partir dessa experiência que nos baseamos para pensar modos de expandir a metodologia de grupos reflexivos no nosso contexto. Para o atendimento de adolescentes autores de abuso, instituições parceiras denominadas “portas de entrada” solicitam formalmente o acompanhamento. A partir disso, realiza-se um momento de estudo de caso com os técnicos de referência, que antecede o atendimento ao adolescente. A partir do relatório de estudo de caso são feitas as articulações, assinatura do termo de autorização para início dos atendimentos e só então temos o primeiro contato com o jovem, que acontece em ambiente cedido pela porta de entrada.

Pensando nos grupos reflexivos, os encaminhamentos podem seguir um fluxo parecido com o que já é executado no projeto. Instituições de referência como centros socioeducativos, acolhimentos institucionais, conselho tutelar, defensoria pública, escolas etc. direcionariam casos de adolescentes que foram autores de violência para a intervenção em grupo. Outra possibilidade seria o encaminhamento dos próprios jovens que estão em processo de responsabilização, seja através do sistema de justiça logo no início ou através de contato com os CREAS para atuar com jovens em cumprimento de liberdade assistida (LA) ou prestação de serviço comunitário (PSC).

Independentemente da forma como esses meninos e meninas cheguem até o acompanhamento, o processo precisa ser desde o início muito atravessado de

um cuidado não estigmatizante. Após o encaminhamento e a análise inicial do caso, precisa ser feito o contato com os responsáveis. Contato inicial que não precisa ser presencial, para se aproximar da situação e iniciar um trabalho de confiança. Após esse breve momento, é agendada a entrevista inicial com o adolescente, a fim de conhecer sobre sua realidade, histórico, vulnerabilidades, passado e presente, uma análise de contexto. Esse momento ocorre em sala fechada onde possa ser garantido o sigilo.

**Independentemente da forma como esses meninos e meninas cheguem até o acompanhamento, o processo precisa ser desde o início muito atravessado de um cuidado não estigmatizante.**

Quando o jovem não conseguir responder a todas as perguntas do formulário, pode-se contatar novamente o adulto de referência. Havendo interesse e disponibilidade do adolescente e do responsável, o caso seguirá para a fase do grupo, que pode acontecer em espaço cedido pela porta de entrada ou por outro parceiro.

A organização estruturada da intervenção para a realização dos grupos fundamenta-se na articulação entre a responsabilização e o desenvolvimento socioemocional. Parte-se da compreensão de que o adolescente autor de violência também se encontra em condição peculiar de desenvolvimento, razão pela qual a intervenção deve orientar-se para a interrupção do ciclo de violência. Nessa perspectiva, entende-se que a violência não constitui um fenômeno isolado, mas resulta de construções sociais e de lacunas nos sistemas de proteção.



O trabalho com grupos reflexivos fundamenta-se em três eixos principais: a proteção integral, que assegura os direitos fundamentais da criança e do adolescente; a responsabilização, que estimula a consciência acerca do ato praticado e de suas consequências; e o protagonismo social, por meio do desenvolvimento de habilidades que possibilitem ao adolescente atuar como agente de sua própria transformação.

O grupo percorre uma jornada que compreende desde o acolhimento até a construção de um novo projeto de vida. Nesse estágio, trabalham-se temas centrais como a formação de alianças, o estabelecimento de normas e a construção da confiança. A etapa seguinte foca na desconstrução de condutas, abordando a compreensão de dinâmicas de poder e controle, bem como a revisão de crenças e valores sociais.

**A GESTÃO EMOCIONAL É TRABALHADA POR MEIO DO RECONHECIMENTO DE EMOÇÕES, DO AUTOCONTROLE DE IMPULSOS, DA EMPATIA E DA CONSCIÊNCIA DO OUTRO. NO QUE TANGE À SEXUALIDADE, DISCUTEM-SE O CONSENTIMENTO, O RESPEITO MÚTUO E A DISTINÇÃO ENTRE RELAÇÕES SAUDÁVEIS E O CONSUMO DE PORNOGRAFIA. A RESPONSABILIZAÇÃO É EXERCIDA MEDIANTE O ENTENDIMENTO DA VIOLÊNCIA (CAUSA E EFEITO) E DA PREVENÇÃO DE RECAÍDAS. POR FIM, ABORDAM-SE OS COMPORTAMENTOS DE CUIDADO, A PREOCUPAÇÃO COM O PRÓXIMO E A ELABORAÇÃO DEFINITIVA DO PROJETO DE VIDA.**

O objetivo principal é proporcionar um espaço seguro de reflexão, autoconsciência e desenvolvimento de habilidades socioemocionais de autocontrole e alternativas saudáveis que permitam ao adolescente entender o impacto de suas ações, desenvolver empatia e construir estratégias para evitar a reincidência de comportamentos de violência.

Os objetivos secundários buscam trabalhar a responsabilização dos adolescentes por suas ações violentas, de modo a proporcionar uma reflexão profunda acerca dos impactos de suas atitudes. Nesse sentido, busca-se promover o reconhecimento e a compreensão das dinâmicas de poder e controle presentes nos relacionamentos, além de ensinar e reforçar comportamentos e valores pró-sociais, com ênfase no respeito e no consentimento nas relações interpessoais. Somado a isso, a metodologia visa fomentar habilidades de autorregulação emocional e social, visando prevenir a reincidência de condutas infracionais ao oferecer alternativas de comportamentos saudáveis para o convívio em sociedade.

A estrutura operacional do grupo prevê a realização de um ciclo composto por seis a dez encontros, com periodicidade semanal e duração de 90 minutos para cada momento reflexivo. Diferentemente de modelos rígidos, a modalidade adotada é a de grupo semiaberto, o que permite o acolhimento de novos participantes nos dois primeiros encontros, fechando-se a partir do terceiro encontro para garantir que a confiança seja construída gradualmente, sem as interrupções causadas pelo acesso de novos membros.

Os grupos devem ser compostos por um número mínimo de seis e máximo de doze participantes, de modo a garantir a naturalidade do diálogo e a atenção individualizada pelos facilitadores. Esse limite garante que o trabalho seja realizado de forma que todos tenham o mesmo espaço para falar. Quanto à faixa etária, o público abrange adolescentes

2. SIGNIFICA  
ACOMPANHAMENTO OU  
SEGUIMENTO DE UMA  
AÇÃO, CONVERSA OU  
PROJETO.

de 12 a 18 anos incompletos, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), preferencialmente subdivididos em subgrupos por proximidade de idade para adequação da linguagem e das dinâmicas.

Para a execução do trabalho sobre sexualidade e violência, desenvolve-se um conjunto de atividades que conta com a atuação de técnicos e com aportes teóricos de diversas áreas do conhecimento, com o propósito de contemplar múltiplas compreensões acerca das masculinidades, da sexualidade, do sexo, da violência sexual, das relações de gênero, dos sistemas conjugal e familiar, bem como da violência de gênero, entre outros temas.

Nesse sentido, as atividades e os recursos técnico-metodológicos da abordagem de grupos de gênero encontram-se descritos a seguir.

Entre as técnicas utilizadas na condução de grupos reflexivos, destacam-se: dinâmicas geradoras de diálogo, técnicas narrativas, *actings* e recursos de linguagem corporal, jogos de aquecimento, atividades de integração e dramatizações (Instituto Noos, 2004).

Esses encontros de **follow-up**<sup>2</sup> iniciam-se após o término do grupo reflexivo, podendo incluir participantes de diferentes grupos realizados na instituição. O objetivo do **acompanhamento** é monitorar e apoiar os participantes, visando prosseguir a avaliação do impacto do trabalho em suas vidas; verificar a situação atual de cada um, a necessidade ou não de encaminhamento para outros serviços; acompanhar a discussão de casos específicos e analisar o nível de acolhimento da rede pessoal significativa e a rede de apoio.

## INSTRUMENTAIS

A

construção de uma prática qualificada requer, fundamentalmente, a articulação entre uma base teórica consistente e uma base metodológica bem estruturada. Na ausência desses elementos, a atuação profissional tende a se fragilizar e a perder efetividade. Embora, no campo científico, o rigor metodológico seja frequentemente associado às ciências exatas, é imprescindível reconhecer que as ciências humanas também se sustentam em fundamentos teóricos sólidos e em procedimentos metodológicos rigorosos, especialmente no que se refere aos processos reflexivos e às suas formas de aplicação.

No que diz respeito à condução de grupos reflexivos, propõe-se, neste trabalho, a sistematização de um conjunto de instrumentais que possam subsidiar uma prática qualificada. Os documentos apresentados a seguir foram elaborados com base em referenciais teóricos e em contribuições advindas de diferentes autores e formações, com o objetivo de fortalecer o rigor metodológico requerido nessa área de atuação. Nesse sentido, autores como Acosta e Soares (2011) apresentam, com propriedade, propostas para a elaboração de parâmetros técnicos, incluindo questionários pré e pós-intervenção, instrumentos voltados à pessoa denunciante e fichas de cadastro dos participantes no serviço. Considerando, contudo, que o trabalho com adolescentes envolve especificidades próprias do desenvolvimento, buscou-se, neste estudo, sintetizar e adaptar tais instrumentos – bem como contribuições de outros autores – de modo a otimizar a efetividade da intervenção e adequá-la às particularidades desse público.

### 1. ENTREVISTA INICIAL

A resistência constitui um elemento central a ser considerado em todas as práticas interventivas com indivíduos. Estar no lugar da intervenção nem sempre é uma experiência confortável, uma vez que implica revisitar situações vividas e assumir responsabilidades pelos próprios atos. Nesse contexto, o contato inicial – anterior à inserção do participante no grupo – é determinante para

o desenvolvimento da prática. Trata-se de um momento que exige acolhimento, indo além de uma mera triagem ou do levantamento de dados sobre a vida do potencial participante. Desde essa etapa, o processo reflexivo e de vinculação já se encontra em curso, não sendo adequado, portanto, qualquer postura moralista ou julgadora por parte do entrevistador (Beiras et al., 2024).

Ademais, faz-se necessário atentar para a perspectiva de vida do sujeito, seu histórico médico, a presença de transtornos mentais ou outras condições de saúde, o uso ou abuso de substâncias, bem como situações de vulnerabilidade (Acosta; Soares, 2011). Especialmente no caso de adolescentes – sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento –, torna-se imprescindível compreender o percurso de vida e os processos de aprendizagem que os conduziram até o momento atual, a fim de subsidiar intervenções mais qualificadas e contextualizadas.

## 2. FICHA DE PLANEJAMENTO

Para construir uma intervenção é necessário planejamento. É sempre preciso mapear as possibilidades e os planos de ação dentro de cada temática. Embora o processo reflexivo seja bastante orgânico, vivo e construído coletivamente, o facilitador precisa ter um repertório, previamente planejado, que o prepare para a intervenção. Desde a organização do espaço e dos materiais, acolhimento, apresentação, dinâmicas e disparadores. Com um bom planejamento é possível se preparar para os grupos mais participativos e para os grupos mais silenciosos, porque tudo é baseado na flexibilidade. Um bom planejamento não precisa ser cumprido à risca para o sucesso da atividade. Se, por exemplo, o grupo entre suas trocas já fornece espaço para reflexão e produção de (re)significado sobre algo que seria abordado posteriormente, prevalece o percurso do próprio grupo para alcançar aquela resposta, não sendo necessário que a pergunta seja feita.

## 3. CONTRATO DE CONVIVÊNCIA

A construção coletiva de contratos de convivência, combinados ou acordos, independentemente da nomenclatura adotada, revela-se um dispositivo fundamental para a sustentação da fluidez e da dinâmica grupal. Trabalhando a partir da construção coletiva, é importante que as regras que irão guiar esse processo possam ser construídas pelos próprios participantes. Quando esse processo é coletivo todas as vozes são ouvidas, todos os pontos considerados, cada participante está em um lugar de protagonismo no processo. É uma prévia do modo de estar participativo que baliza todo encontro. Não existe exatamente um modelo de contrato, cada um já colocou sua disponibilidade na entrevista inicial e agora todos contribuem com as regras que acreditam serem importantes de estar no ambiente. Pode ser feito em folha, tarjetas, cartaz ou outro meio, precisa ficar em um local visível e ser sempre lembrado a cada encontro. É interessante que todos assinem ao final, mostrando concordar com o produto.

## 4. RELATÓRIO

O pós-grupo é um momento em que os facilitadores podem refletir sobre sua atuação, a efetividade das intervenções, a participação e recepção por parte dos participantes. Perceber os movimentos grupais (Beiras et al., 2024), momentos que chamaram a atenção, lidar com as próprias expectativas e frustrações enquanto facilitador, todos esses movimentos podem fluir livremente nos momentos de intervenção e supervisão. É importante que aconteçam próximo temporalmente do momento de grupo, aproveitando que os acontecimentos estão próximos, em uma perspectiva agora de fora da situação (Beiras et al., 2024).

Alguns pontos gerais devem ser observados no momento posterior ao grupo, sendo organizados em forma de formulário para facilitar a recordação e a sistematização, conforme apresentado nos anexos.

# COMPARTILHANDO SABERES

**E**ste é um espaço destinado ao compartilhamento de histórias, experiências, sugestões de disparadores, dinâmicas, relatos, recomendações etc. Queremos conhecer quem está realizando grupos reflexivos pelo Brasil, em especial aqueles feitos com adolescentes. Estamos interessados em ouvir suas vozes, ler sobre suas vivências, aflições e dicas do que tem dado certo ou como podemos nos unir em uma grande enciclopédia de saberes. Para isso, temos a seguir um link e um Qr Code que irá direcionar para um formulário, contamos com sua colaboração.

**LINK:** <https://forms.gle/BrzUnezAbnefrZR37>

**QR CODE:**



# REFERÊNCIAS

ACOSTA, Fernando; SOARES, Bárbara Musumeci. Serviços de educação e responsabilização para homens autores de violência contra mulheres: proposta para elaboração de parâmetros técnicos. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: [http://iser.org.br/wp-content/uploads/2020/08/iser\\_cartilha-proposta-para-elaboracao-de-parametros-tecnicos-1.pdf](http://iser.org.br/wp-content/uploads/2020/08/iser_cartilha-proposta-para-elaboracao-de-parametros-tecnicos-1.pdf). Acesso em: 7 jul. 2025.

ACOSTA, Fernando; ANDRADE FILHO, Antônio; BRONZ, Alan. Conversas homem a homem: grupo reflexivo de gênero: metodologia. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2004.

BEIRAS, Adriano. Grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência contra mulheres no Brasil: mapeamento, análise e recomendações [recurso eletrônico]. Florianópolis: CEJUR, 2021.

BEIRAS, Adriano; BRONZ, Alan. Metodologia de grupos reflexivos de gênero. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2016. Disponível em: [https://noos.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Metodologia-Noos\\_\\_PDF-final.pdf](https://noos.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Metodologia-Noos__PDF-final.pdf). Acesso em: 31 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 27 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em: 31 jul. 2025.

INSTITUTO TERRE DES HOMMES BRASIL. Grupos reflexivos: uma metodologia para interromper o ciclo da violência. 11 fev. 2025. Disponível em: <https://www.tdhbrasil.org/grupos-reflexivos-uma-metodologia-para-interromper-o-ciclo-da-violencia/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

PEREIRA FILHO, Raimundo Ferreira Pereira. Intervenção com homens envolvidos com a situação de violência contra mulher: uma experiência desenvolvida pela vara especializada de São Luís do Maranhão. Revista Sistemas de Justiça e Sociedade, São Luís, v. 1, n. 1, p. [s.p.], set./dez. 2020.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS (TJDFT). Manual de orientações teórico-práticas [recurso eletrônico]. Brasília: TJDFT, 2021.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO MARANHÃO. Grupos reflexivos para homens autores de violência contra a mulher. [S.l.: s.n.], 2021.



# ANEXOS

## ENTREVISTA INDIVIDUAL

|                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Nome:                                                                                                                                                                                                               | Data de nascimento:                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| CPF:                                                                                                                                                                                                                | Nº do processo:                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Endereço:                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Raça/Cor:<br><input type="checkbox"/> Branco <input type="checkbox"/> Preto<br><input type="checkbox"/> Pardo <input type="checkbox"/> Amarelo<br><input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Outro: | Religião:<br><input type="checkbox"/> Católico <input type="checkbox"/> Evangélico<br><input type="checkbox"/> Umbanda <input type="checkbox"/> Candomblé<br><input type="checkbox"/> Espírita <input type="checkbox"/> Sem religião<br><input type="checkbox"/> Ateu <input type="checkbox"/> Outro: |
| Escolaridade:                                                                                                                                                                                                       | Com quem mora:                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Como se relaciona:                                                                                                                                                                                                  | Qual foi a denúncia?                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Conte a situação:                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Qual sua relação com a vítima?                                                                                                                                                                                      | Está cumprindo medida?                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Quem é responsável?                                                                                                                                                                                                 | Cometeu outro ato infracional?                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Consequências do ato para você:                                                                                                                                                                                     | Consequências do ato para a vítima:                                                                                                                                                                                                                                                                   |

Motivo do ato:

Para você, o que é violência?

Já sofreu violência desse ou de outro tipo?

Histórico familiar:

Uso de medicamentos:

Uso de drogas:

Fatores de proteção:

Pessoas de referência:

Identidade de gênero:

☐ Homem cis    ☐ Homem trans  
☐ Mulher cis    ☐ Mulher trans  
☐ Não-binária    ☐ Outro:

Orientação sexual:

☐ Heterossexual    ☐ Homossexual  
☐ Bissexual    ☐ Assexual  
☐ Pansexual    ☐ Outro:

O que pensa sobre o ato:

Qual a importância de falar sobre o ato:

Concorda em participar do grupo:

Profissional:\_\_\_\_\_

Data:\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## PLANEJAMENTO PARA GRUPO REFLEXIVO

|                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Data:           | 05 de fevereiro de 2025                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Local:          | Instituição Tal - Rua Um, 234 - Bairro do Cinco, Fortaleza - CE, 00000-000                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Público:        | Adolescentes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Tipo:           | Reflexivo responsabilizante – Fechado                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Temática:       | Violências                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Objetivo:       | Refletir sobre as violências que eu causo no outro, os sentimentos que atravessam e outras possibilidades                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Tempo estimado: | 1h20min                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Facilitadores:  | Pessoa 1 e Pessoa 2                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Disparadores:   | <p>Acordos de convivência</p> <p>(Dinâmica de apresentação/vinculação)</p> <p>Etapa 1 (iniciando a aproximação com a temática de forma sutil/divertida, evitando sempre perguntas de sim ou não);</p> <p>Etapa 2 (o tema já é mais evidente, busque aproximar com a vivência pessoal de cada um);</p> <p>Etapa 3 (participantes já confortáveis para se colocarem, utilize as respostas anteriores para reforçar ou questionar, incentivando-os a construir a partir das falas dos demais).</p> <p>Que tipos de violência os meninos sofrem mais? E as meninas?</p> <p>Quais são os tipos de violência que sofremos?</p> |

|               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Disparadores: | <p>Como você se sentiu quando sofreu violência?</p> <p>Nós apenas sofremos violências ou também causamos?</p> <p>Quais violências você já causou em alguém?</p> <p>Como você se sentiu quando praticou?</p> <p>Quais violências vocês mais viram no varal?</p> <p>Por que praticamos tantas violências com os outros?</p> <p>Existe alguma outra forma de expressar o que sentimos? Que outros caminhos são possíveis?</p> <p>Por último, serão convidados a pensar e compartilhar, se quiserem, uma situação que foram violentos com alguém e como poderiam ter agido diferente.</p> |
| Materiais:    | Folhas de papel, canetinhas, lápis de cor, giz de cera, caixinha de som, barbante, pregadores de roupa, fita adesiva.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |



